

Prefácio - Gêneros híbridos e(m) discurso

Simone Tiemi Hashiguti

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

Gêneros híbridos e(m) discurso. HASHIGUTI, S.T., ed. *O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 9-20. Linguística in focus collection, vol. 12. ISBN: 978-85-7078-503-9. <http://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-503-9>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Gêneros híbridos e(m) discursos

Simone Tiemi Hashiguti (UFU)

simonehashiguti@gmail.com

Introdução

O interesse pelo corpo e pela imagem como objetos de análise e teorização no âmbito dos estudos sobre o discurso surge como uma demanda quando filmes, reportagens, campanhas publicitárias, espaços digitais e salas de aula de línguas começam a ser discutidos para além daquilo que a língua constrói e faz legível e quando os efeitos de sentido se dão porque há também visualidades em jogo. No âmbito dos estudos e das análises desenvolvidos no Grupo de Pesquisa *O Corpo e a Imagem no Discurso*, algumas questões que dizem respeito a essa ordem visual de constituição dos sentidos e que têm orientado as discussões são: como produzimos sentidos por intermédio de imagens? Como a língua e a imagem funcionam em conjunto? Como podem ser feitos visíveis, fragmentados, ressignificados os corpos nas artes pelas ferramentas digitais e nos diferentes espaços virtuais? Quais políticas incidem na organização dos corpos no espaço? Como o dizível atravessa e/ou é atravessado pelo visível?

Por nos situarmos em uma perspectiva transdisciplinar de linguagem, seguindo uma tradição crítica¹ e aplicada das ciências da linguagem e com o objetivo de compreender processos de produção de

¹ Crítica, nesse sentido, refere-se a uma prática científica problematizadora, na acepção discutida por Pennycook (2001, 2010), que implica sempre questionamento de termos, conceitos e quadros teóricos.

sentidos, partimos da premissa de que, no âmbito dos estudos sobre o discurso, o corpo pode ser analisado como visibilidade configurada em unidade como imagem (estática ou em movimento), em sua possibilidade bi ou tridimensional (como no caso das esculturas ou dos próprios corpos) e de motilidade (como o corpo na dança, dos gestos, por exemplo) ou não. Essa visibilidade significa junto com outras materialidades, como a língua e o som, ao serem interpretadas pelo sujeito em determinadas condições na relação com o discurso.

Discurso, nesse sentido, é entendido de maneira complexa e em um movimento de vitalidade intelectual com base em proposições de diferentes disciplinas e áreas do saber que, de alguma forma, convergem *para e sobre* os variados tipos de *corpora* de pesquisa. Entendendo-o como uma maneira de apreender a linguagem (Charaudeau, Maingueneau, 2004, p. 172), relacionamo-lo com considerações e análises sobre língua, ideologia, memória e sociedade, conforme discutido por autores como Pêcheux (1988, 1983) e Bakhtin (1997), por exemplo; na relação com as epistemologias, os saberes e as técnicas de controle ocidentais dos corpos, como propôs Michel Foucault (2005, 1987); na relação com seus aspectos *de* ou *na* fundação de sentidos, como exploram autores como Orlandi (2002, 2003); e pelo entendimento das condições históricas específicas de enunciação, voz e lugar científicos, conforme Santos (2008) e Mignolo (2003) possibilitam entrever. Sobretudo, relacionamo-lo com a ordem do visível.

Alicerçados em uma hermenêutica particular que se vai constituindo como prática intelectual no Grupo, buscamos a profundidade de conceitos e gestos interpretativos e a relevância de nossos estudos dadas nossas condições pós-coloniais. Consideramos nossos objetos como emergindo no espaço das fronteiras teóricas e fronteiroço (Mignolo, 2003, p. 52) também nosso construto científico. Concordamos com Courtine (2009, p. 31), que indica que, nos estudos sobre discurso, não podemos reduzi-lo a análises puramente linguísticas nem dissolvê-lo nas teorizações sobre ideologia. Ao discutirmos a relação das visibilidades com o dizível em processos de produção de sentido, mantemos suas especificidades e nos colocamos numa dinâmica de montagem de propostas e procedimentos teóricos e analíticos.

Nas análises empreendidas no Grupo, são contemplados, portanto, diferentes tipos de *corpora*, híbridos em sua maioria, partindo da

compreensão e concordância com Courtine (2011, p. 150) de que discursos são práticas nas quais verbo, imagem, corpo, gestos, expressões não se separam. Em nosso percurso para entender e teorizar o corpo e a linguagem, são referências obras dos autores já citados e campos como a Linguística Aplicada, a Linguística, a Filosofia, os Estudos Culturais, o Pós-Colonialismo, as Artes, dentre outros. Consideramos que, se a complexidade do objeto corpo e/ou imagem, nos estudos sobre linguagem, demanda a multi e a transdisciplinaridade nas teorizações, ela demanda, ao mesmo tempo, um exercício epistemológico de reconhecimento dos pontos de encontro, das rupturas, dos desdobramentos, recobrimentos e realinhamentos possíveis nas leituras dos diferentes autores dessas diferentes áreas. Não entendemos esse movimento como um fetichismo teórico, mas como um posicionamento não subalterno (Spivak, 1988) de reflexão que possibilita um percurso que é tanto genealógico quanto epistemológico e que refuta a mera aplicação ou legitimação de categorias e quadros preestabelecidos e ortodoxias que são antes políticas do que intelectuais. Buscamos fazer mais visíveis e audíveis as teorias e os campos com os quais dialogamos, tal como é a proposta do encontro dos pesquisadores nesta coletânea.

Gêneros híbridos

A proposta de discussão sobre o tema *gêneros híbridos*², conforme pensada para esta coletânea, baseia-se na consideração de que vivemos num estrato histórico em que as práticas de linguagem são afetadas e espelham uma tendência para a convergência digital (Jenkins, 2006; Canclini, 2013), com a constante disponibilização e circulação de conteúdos de tipos diversos em diferentes plataformas midiáticas que permitem a participação ativa de seus usuários. Em meio às regulações institucionais, as informações e conteúdos circulam e são produzidos também pela cooperação e auto-organização de diferentes grupos a partir de seus interesses e através das possibilidades tecnológicas.

² O mesmo tema foi aplicado para a organização do III Colóquio Nacional e para o II Colóquio Internacional do Grupo de Pesquisa O Corpo e a Imagem no Discurso, realizado nos dias 16 e 17 de abril de 2015, na Universidade Federal de Uberlândia. O evento teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig.

Enunciamos e ocupamos espaços virtuais de maneira a deixar visíveis nossos corpos, olhares e identificações sociais cada vez mais. Somos espectadores, internautas, agentes de mídia, consumidores e produtores de artes e tipos textuais híbridos que apreendemos por suportes distintos. A sempre presença da imagem como elemento construtor e operador de memória social, em processos colonizadores (Gruzinski, 1990) ou não, é potencializada pelo acesso a ferramentas e espaços digitais. Entendemos, portanto, que as teorias e os métodos analíticos sobre a linguagem devem responder a tais formas de funcionamento num esforço e exercício epistemológico para compreender as condições de enunciação e de visibilidade e as ordens que constituem os sentidos hoje.

Nessas condições, o corpo não só se adapta como altera as práticas de linguagem. Ao ler, escrever, olhar imagens, assistir vídeos e, ao mesmo tempo, digitar e navegar na internet com toques em telas sensíveis de aparelhos móveis e se fazer personagem de suas próprias fotos e vídeos, o corpo também se torna texto e visualidade para interpretação na rede. É, pois, a um sentido de corpo de linguagem, do tipo ciborgue, conforme explica Haraway (1991), que não se filia a uma narrativa de origem no sentido humanista ocidental, e que é uma máquina orgânica que transcende fronteiras e espaços totalmente separáveis e heterogêneos entre si, que nos referimos para pensar a questão do gênero. É a um sentido de gênero tomado em ampla acepção – feminino, masculino, híbrido, digital, entre fronteiras ou pós-fronteiras (Haraway, 1991), ontologicamente maquínico (Deleuze; Guattari, 2010), especialmente considerado como informação (Simondon, 2010), enunciado e visível em diferentes formas, mídias e espaços digitais – que nos referimos. É a um sentido de texto como unidade de análise, mas plural em suas formas e elementos que nos referimos para nossa reflexão. É dentro de uma perspectiva discursiva, em seus entrelaçamentos e diálogos com outras disciplinas, que nos situamos.

Nosso objetivo, ao organizar os textos que ora apresentamos, e que respondem a essa temática, é contribuir com reflexões teórico-metodológicas sobre *corpora* de pesquisa que não são estritamente verbais e que ensejam gestos de interpretação que também se constituem por diferentes formas de percepção e interpretação. Entendemos que a análise e a interpretação são gestos determinados também pela forma de apreensão das diferentes materialidades. Propomos discutir os

desdobramentos teórico-analíticos no que se refere a essas variedades textuais e às diferentes práticas de linguagem a elas associadas.

Para compor esta coletânea, foram convidados, portanto, pesquisadores de diferentes áreas que pudessem justamente apresentar diferentes formas de abordagem, análise e problematização do tema proposto. Os artigos apresentam-nos vieses reflexivos que estabelecem e/ou permitem estabelecer diálogos epistemológicos densos e discussões sobre as materialidades analisadas em suas particularidades e, como compreendemos, na relação com questões sociais e culturais contemporâneas que se referem ao corpo. Na breve apresentação dos textos, a seguir, ao retomarmos os temas, *corpora* de pesquisa e conceitos principais dos autores, retomamos, por vezes, também seus autores, isto é, aqueles que constituem as bibliotecas particulares de cada um e que, de certa forma, se presentificam também nestes textos. O objetivo é tornar visível a ampla rede de leituras e teorias por meio da qual podemos discutir *gêneros híbridos*.

Corpos e(m) mídias

O capítulo que abre esta coletânea explora a questão do corpo cujo interior se torna um sítio de observação e exposição através do avanço das tecnologias visuais. “Technological mediation and the human body”, de Nina Czegledy, discute como essas tecnologias vêm dando ao corpo a possibilidade de ser, de certa forma, transparente, atravessável, penetrável pela visão. Conforme ela nos lembra, áreas do saber como a medicina, as engenharias e a bioinformática, por exemplo, têm construído sua forma de interpretar o que é da ordem do funcionamento do corpo humano por intermédio de máquinas que substituem o olho na capacidade de ver e possibilitam o que pode chegar a ser um bioturismo (Sawchuk, 2000 apud Czegledy, nesta edição). Escaneados e expostos, os corpos se transformam em arquivos de bases de dados. Como pensar esse corpo cada vez mais exposto pelo seu interior, cada vez mais desnudado, objetificado, digitalizado? Como nossas percepções sobre ele vão sendo alteradas com tais práticas? Por meio da ressignificação desse questionamento pela arte, Czegledy propõe um diálogo entre a arte e a medicina e nos apresenta obras e artistas que nos deslocam de uma posição passiva de observadores dessa nova corporalidade em certa cultura visual e corporal que se vai

constituindo para nos fazer repensar limites e relações éticas na relação com o corpo, e maneiras de subjetivação, objetificação e significação. Czegledy abre, assim, um espaço de visibilidade para o corpo, a imagem e a tecnologia como temas de pesquisa e criação artística. Nesse espaço, a arte é o que, de nosso ponto de vista, representa o ponto de partida para abordar o tema dos gêneros híbridos.

De fato, a arte é um lugar de resistência para as tentativas de homogeneização de sentidos ou para as formas de significar o corpo que uma determinada “cultura somática”, nas palavras de Francisco Ortega, conforme retomadas por Cláudia França, tem instituído. Em “Nu impotente à espreita: sobre uma figura da melancolia na arte contemporânea”, artigo que dialoga *com* e de certa forma continua a discussão proposta por Czegledy, França também aponta para o esquadramento do corpo e para uma biotecnologia na contemporaneidade que constituem a biossociabilidade, conceito também de Ortega, e que se refere ao modo de vida contemporâneo no qual a saúde se torna o princípio, a razão e a finalidade do sujeito. Nessa cultura, em que o interesse pelo corpo e por um sentido de saúde passa a determinar nossas representações de beleza e virtude e a forma como nos relacionamos com um cuidado ou atenção excessivos ao corpo, a autora propõe refletir sobre maneiras possíveis de escapar a tal determinação. Discutindo o tédio e a melancolia e sua relação com a temporalidade (o primeiro é sempre da ordem do tempo presente, e o segundo, sempre do passado e da nostalgia), e trazendo o conto “Um artista da fome”, de Franz Kafka (2011), e a escultura “Big man”, de Ron Mueck (2000), para sua reflexão, França mescla duas formas de arte em um batimento crítico que propõe desfazer o posicionamento único em favor de um corpo “excessivamente submetido à ordem estética e excessivamente mediatizado pelas tecnologias”. Com autores como Peter Pál Pelbart, França questiona se o corpo cotidiano de cada um de nós teria espaço ou direito à feiura, ao envelhecimento, a formas e sentidos que não os da cultura somática.

No capítulo 3, Costa nos convida a refletir sobre a relação homem-máquina-imagem ao discutir o modo como o corpo é discursivizado e significado no jogo eletrônico. Em “Da construção discursiva do corpo em jogos eletrônicos”, a autora retoma o conceito de imagem de síntese, de Régine Robin – que se refere à imagem gerada por computador –, e as noções de imersão, interatividade e informação na era digital para

propor um entendimento do corpo híbrido. Costa propõe que, no jogo eletrônico, o corpo é, ele mesmo, um dispositivo, por ser ele próprio o elo entre a máquina e o homem e entre a imagem e a tecnologia. Ele é, portanto, também um corpo híbrido, investido de sentido e constituído no espaço entre essas relações. Na análise que faz da quarta versão do jogo Battlefield, que tem por proposta propiciar ao jogador a “experiência de tiro em primeira pessoa completa”, Costa expõe como essa experiência é feita possível no jogo, tanto pelos aparatos tecnológicos que ele impõe que devam ser utilizados pelo usuário quanto pelos enunciados de ordem do jogo, que posicionam o sujeito no lugar do líder-herói.

Os três capítulos seguintes discutem o tema proposto da hibridiz pela arte fílmica. Em “Corpo imagem – corpo arte: materialidades discursivas”, Nádia Neckel apresenta a análise do curta-metragem “Ano Branco”. Retomando conceitos e teorizações fundamentadas principalmente na analítica discursiva pecheutiana, a autora mobiliza seu conceito de Discurso Artístico (Neckel, 2010) para trabalhar materialidades híbridas como o vídeo-arte analisado, discutindo sua tecedura (o funcionamento, na ordem do interdiscurso, das redes de memória que atravessam o dizer artístico) e tessitura (o funcionamento intradiscursivo, que opera na ordem da estrutura de cada linguagem). Nesse sentido, a autora discute as discursividades colocadas em *jogo pela* e *para* a compreensão da própria obra fílmica e retoma também autoras como Judith Butler e Beatriz Preciado, que problematizam questões sobre gênero e sexualidade. É pelo funcionamento do artístico, ressalta Neckel, na relação entre o filme como ficção e o filme em sua dimensão documental da realidade, que elementos como a maquiagem, os objetos de cena, o enquadramento, as gestualidades, a sonoridade fazem possível ao filme analisado enunciar seu lugar político. É na imbricação material desses elementos que a autora compreende o corpo funcionando como materialidade discursiva, isto é, como um *feito*, e a impossibilidade de categorizações binárias para o sujeito contemporâneo.

De certa forma, também em “Contra o fundamentalismo: identidades híbridas em ‘Os descrentes’”, encontramos a possibilidade de pensar a relação ficção-realidade através de obras fílmicas cuja força narrativa nos move para discussões e reflexões sobre temas como identidade e diferença e questões contemporâneas como a intolerância religiosa. Em seu texto, William Tagata analisa como o filme nos incita a

refletir sobre a intolerância e a violência de formas de fundamentalismo que se materializam em ataques religiosos, racistas ou homofóbicos. Tomando a identidade como processo, que acontece no entrecruzamento de eixos de identificação, Tagata retoma conceitos e formulações de Mickail Bakhtin, Homi Bhabha, Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Edward Said, por exemplo, para discutir o hibridismo e a provisoriade como características fundantes das identidades e para que seja possível tomar as “verdades” como contingentes, localizáveis em contextos sócio-histórico-culturais no espaço entre os diferentes *loci* de enunciação. Em um posicionamento ético, o autor propõe que uma via para a abordagem de temas complexos, como os que o filme analisado coloca em xeque, é o diálogo.

Em “As divas da linguagem: a audiovisualidade dos corpos no videoclipe”, Nilton Milanez toma o corpo como arquivo audiovisual e explora quais corpos e partes do corpo são feitas visíveis e como isso ocorre em videoclipes de cantoras *pop* da atualidade. O autor explora o quadro teórico-analítico foucaultiano e discorre sobre certo cenário audiovisual coletivo em que traços, cores, imagens, sonoridades se repetem e regularizam sentidos. Milanez discute o campo das condições de possibilidades históricas desses vídeos e faz visível como, no processo investigativo e reflexivo sobre o *corpus* escolhido, a palavra impõe os primeiros limites, desde a nomeação do objeto à descrição, para que, depois, a materialidade apareça com sua espessura e se coloque para análise. Com pontuações metodológicas precisas apoiadas em textos de Michel Foucault, o autor trabalha num campo único de sonoridade e visualidade que ele chama de campo da verbo-visualidade. O texto de Milanez elucida ao leitor o batimento entre a análise de *corpora* híbridos e a mobilização do olhar foucaultiano que sempre considerou o visível e o dizível em conjunto.

No sétimo capítulo, Ivânia Neves e Ana Shirley Penaforte Cardoso analisam o processo de produção de registros fotográficos de corpos de duas lideranças de aldeias indígenas. Em “Entre corpos, falas e fotografias: processos de mediação entre os Tembê-Tenetehara”, as autoras refletem sobre a mudança de posicionamento dessas lideranças e de outros membros dessas aldeias ao posarem para fotografias que seriam incluídas no livro *Patrimônio cultural Tembê-Tenetehara* (Neves; Cardoso, 2015), parte constante de um projeto financiado pelo Iphan entre 2013 e 2015.

Como apontam as autoras, o povo Temb -Tenetehara, de língua e tradi o Tupi, é frequentemente deslegitimado como grupo indígena por seus costumes ocidentais e pela luta para manter a posse da Terra Indígena Alto Rio Guamá, no estado do Pará. O projeto poderia fazer visível a sociedade e sua cultura. Em suas discussões, mobilizando conceitos de autores de diferentes áreas, tais como Michel Foucault, Philippe Dubois e Jesús Martín-Barbero, por exemplo, elas expõem as tensões, resistências e negocia es do mostrar-se na foto. O corpo e a fotografia são deslocados de concep es simplistas ou ing nuas pelos próprios fotografados ao entenderem o propósito do projeto no qual tais fotografias foram tiradas e a composi o do referido livro, sendo localizados para além da questão da memória cultural e entrando no âmbito da importância política. O texto faz possível refletir sobre a problemática das representa es imagéticas cristalizadas e, infelizmente, ainda em grande circula o e legitimadoras de certas identidades em leituras superficiais, e, ao mesmo tempo, sobre a necessidade de constituir um arquivo imagético de certos grupos que documente e recupere traços identitários que lhes d o certa unidade e, talvez, lugar social.

Nos dois capítulos seguintes, o tema do silêncio é abordado por duas autoras por meio de diferentes objetos. Em "Image, art and sensation in discourse analysis", Simone Hashiguti discute o processo analítico discursivo que envolve a fotografia jornalística e a arte. Com base na reflexão sobre uma experiência pessoal em um projeto de pesquisa em que a violência foi um dos temas, a autora discorre sobre o silêncio como efeito no gesto de olhar uma foto ou uma série de fotos, quando há um estranhamento frente à imagem, e como política de olhar, quando a série imagética se lhe apresenta extremamente desconcertante e demanda da analista uma pausa de significa o. Retomando conceitos como os de precariedade, visibilidade e sensa o, ela propõe um posicionamento que contemple a imagem como objeto de análise discursiva e que mantenha a abertura para a teoriza o de disciplinas que incluam o corpo e seus afetos e se desloquem de quadros analíticos que sejam estritamente baseados na língua. Ela propõe considerar uma análise de discurso precária e disponível para a sensa o, que contemple o afeto da analista frente ao seu tema e ao seu objeto.

Já em "Dos corpos que interpretam   interpreta o dos corpos: uma posi o inicial", Cláudia Wanderley começa lembrando que, para

interpretar (no sentido duplo de escutar e expressar), precisamos de um corpo. Nesse sentido, propõe a autora, ele é uma “necessidade material para a produção de sentidos”. Apesar de feito imagem, atravessado pelo olhar e pelas ferramentas tecnológicas, disponibilizado na Web como imagem, mostrado pelo seu interior por programas de computador que permitem viagens insólitas por ele e graças às tecnociências, esse corpo, aparentemente universal e estável, se esvai quando a história e outras possibilidades de trato do corpo intervêm para trazer à luz o corpo colonizado e “pré-humano”. Discutindo o corpo pós-humano e o corpo ciberneticamente discursivizado, Wanderley constrói um caminho possível por onde começar a discutir o corpo oculto na história, silenciado de uma existência e dirigido para um esquecimento/apagamento que se torna uma das marcas de um discurso corporal para o brasileiro. Discutindo a figura do desaparecido político na América Latina, a autora disserta sobre o corpo escondido que, segundo ela, dentro de um funcionamento metonímico, é o corpo brasileiro. Há uma discursividade de ocultação, ela nos diz, que constitui o lugar da “aversão à diferença, não dá lugar ao diferente”. Trata-se de um texto sobre memória, esquecimento, discurso – sobre uma forma de funcionamento de silêncio (silenciamento) cortante cuja cicatriz precisa ser olhada mais de perto.

O capítulo que fecha esta coletânea nos convida a uma reflexão sobre o regime digital táctil da imagem na contemporaneidade e sobre o corpo que, para ver, tem que tocar. Em “Tangibilidade e invisualidade: do corpo sugestivo da taticidade digital”, Joaquim Braga discute como o tangível e o táctil se intercambiam quando, com o advento das tecnologias de suporte digital, nossos corpos passam a operar aparelhos por intermédio do toque em superfícies de contato digitais. Numa relação em que, nas palavras do autor, “o tangível é o tocável” e em que “olho e dedo interpenetram-se” para operar a máquina, a imagem surge, antes, como efeito da atividade motora do corpo e pela interpretação ou reação de sistemas operacionais ao toque. Somos lançados, portanto, da condição de observadores a de utilizadores, operadores, e vemos aquilo que a máquina nos deixa ver. Retomando o conceito de visualidade háptica, de Merleau Ponty, e discutindo-o junto com as reflexões de historiadores da arte, como Alois Riegl e Heinrich Wölfflin, Braga reflete sobre a natureza multissensorial do visível, isto é, do que se faz visível porque há um envolvimento do corpo que vai além da visão daquilo que está na frente, já que a apreensão

do visto excede o limite facial dos objetos. O tangível e o táctil, nesse sentido, não se imbricam, mas se sobrepõem e pressupõem, portanto, uma ordem motora do corpo. Em sua discussão, o autor se debruça sobre conceitos tais como corporeidade, medialidade, visualidade e reflete sobre como, também no campo da arte digital, a tecnologia faz possível que o espectador, ao interagir hapticamente com ela, deixe o campo do meramente óptico ou terapêutico para o da utilização em “um campo de simulação para a experiência somática”. O texto de Braga fecha a sequência das contribuições dos textos anteriores deixando, paradoxalmente, para nós, aberto o espaço para a reflexão sobre o corpo que vê, sente, interpreta e é interpretado na contemporaneidade. Com ele, voltamos à questão inicial, de qual é o corpo que se faz na/pela tecnologia.

Ressaltamos que os textos, tanto os artigos quanto as pequenas apresentações dos autores, foram mantidos nas línguas em que originalmente foram submetidos para esta coletânea.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

CANCLINI, N. G. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COURTINE, J. J. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Christina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: Edufscar, 2009.

COURTINE, J. J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987.

GRUZINSKI, S. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HARAWAY, D. *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. Nova York: Routledge, 1991.

JENKINS, H. *Convergence Culture: where old and new media collide*. Nova York e Londres: New York University Press, 2006.

KAFKA, F. Um artista da fome. In: KAFKA, F. *A metamorfose, um artista da fome, carta ao pai*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

MIGNOLO, W. D. Un paradigma otro: colonialidad local, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico. In: MIGNOLO, W. D. (org.). *Historias globales, diseños locales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal, 2003. p. 19-60.

MUECK, R. *Big man*. 2000. Resina e fibra de vidro, 203.2 x 120.7 x 204.5 cm. Brooklyn Museum, New York. Imagem da obra disponível em: <http://hirshhorn.si.edu/collection/ron-mueck/#collection=ron-mueck>. Acesso em: 20 set. 2015.

NECKEL, N. *Tessitura e tecedura: movimentos de compreensão do discurso artístico no audiovisual*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, São Paulo, 2010.

NEVES, I; CARDOSO, A. S. *Patrimônio cultural Tembé-Tenehara*. Belém: IPHAN, 2015.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, E. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, E. P. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

PENNYCOOK, A. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001.

PENNYCOOK, A. Critical and alternative directions in applied linguistics. *Australian Review of Applied Linguistics*, v. 33, issue 2, p. 16.1-16.16, 2010.

SANTOS, B. S. Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e outro. *Travessias*, n. 6/7, p. 15-36, 2008.

SAWCHUK, K. Biotourism, fantastic voyage and sublime inner space. In: MARCHE-SAULT, J.; SAWCHUK, K. (org.). *Wild science: reading feminism*. Medicine and media. Nova York: Routledge, 2000. p. 9-23.

SIMONDON, G. *Communication et Information: cours e conférences*. Chatou, França: Les éditions de la transparence/Philosophie, 2010.

SPIVAK, G. Can the subaltern speak? In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (org.). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313.